



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ**

ACELINO SCARIOT

**TRAJETÓRIA DA SUCESSÃO DAS PEQUENAS PROPRIEDADES RURAIS EM
XAVANTINA A PARTIR DA DÉCADA DE 1940.**

Chapecó
2016

ACELINO SCARIOT

**TRAJETÓRIA DA SUCESSÃO DAS PEQUENAS PROPRIEDADES RURAIS EM
XAVANTINA A PARTIR DA DÉCADA DE 1940.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal Fronteira Sul – Campus Chapecó, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Antônio Luiz Miranda.

Chapecó

2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
COORDENAÇÃO ACADÊMICA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA - LICENCIATURA

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Aos 05 dias do mês de julho de dois mil e dezesseis, às 16h00 min. nas dependências do Campus Chapecó da Universidade Federal da Fronteira Sul, reuniu-se a banca avaliadora da monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História constituída pelos professores: **Prof. Dr. Antonio Luiz Miranda (Orientador)**, **Prof. Dr. Delmir José Valentini** e **Prof. Msc. José Tadeu Leal Peixoto**. O Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História - Licenciatura do acadêmico **Acelino Scariot** sob o título: *“Trajetória da sucessão das pequenas propriedades rurais em Xavantina”* obteve a média final 7,5 sendo considerado aprovado.

Chapecó (SC) 05 de julho de 2016.

Orientador (a)

Delmir Valentini

Avaliador 1

Avaliador 2

ACELINO SCARIOT

LICENCIATURA EM HISTÓRIA

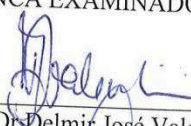
Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul.



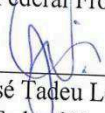
Professore orientador Antônio Luiz Miranda
Universidade Federal Fronteira Sul

Este trabalho de conclusão de curso foi deferido e aprovado pela banca em: 05/07/2016

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Delmir José Valentini.
Universidade Federal Fronteira Sul



Prof. Mestre José Tadeu Leal Peixoto
Universidade Federal Fronteira Sul

Chapecó, 05 de julho de 2016.

Dedico este trabalho especialmente a minha esposa Maria Fátima Gujel Scariot e meus filhos Douglas, Mateus e Néverton.

Pela existência de meus pais, pois sem eles este trabalho e muitos dos meus sonhos não se realizariam.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus que iluminou o meu caminho durante esta caminhada. Agradeço também a minha esposa, Maria Fátima Gujel Scariot que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldades, quero agradecer também aos meus filhos, Douglas, Mateus e Néverton que contribuíram e iluminaram de maneira especial os meus pensamentos me levando a buscar mais conhecimentos. Ao meu neto Rafael por fazer parte da minha vida e família. E não deixando de agradecer de forma grata e grandiosa meus pais, Roberto Scariot e Dozolina Gazolla Scariot, pela minha existência. Aos meus irmãos que me apoiaram. Aos professores em especial ao professor orientador Antônio Luiz Miranda. Aos colaboradores que me concederam as entrevistas.

Se uma pessoa é perseverante, por mais que seja dura de entendimento, se fará inteligente e por mais que seja fraca se transformará em forte. Leonardo da Vinci

RESUMO

Neste trabalho, buscamos analisar a história do município de Xavantina e a prática de compras e vendas de terras, a forma como era realizada a sucessão pelas famílias através de relatos e documentos. A participação que a entrada das agroindústrias e principalmente a atividade da suinocultura provocaram na região, principalmente no município e a influência que trouxera. Evidenciando desta forma a micro história a tendências e privilégios ao filho mais novo, dito como sucessor. Os resultados do trabalho indicaram através dos relatos das famílias que os filhos mais jovens tendem a permanecer com os pais e na maioria das vezes recebem a maior parte da herança por permanecerem ali. Além disso, os centros urbanos e a industrialização motivaram muitas pessoas a deixar a agricultura e observa-se também que a cultura foi se transformando, hoje em dia os filhos não recebem necessariamente herança ao sair de casa, já que começam a trabalhar antes e já possuem um meio de subsistência, ou saem de casa para estudar e recebem auxílio financeiro dos pais.

Palavras-chave: Xavantina. Colonização. Sucessão.

ABSTRACT

In this paper, we analyze the history of Xavantina municipality and the practice of purchases and land sales, the way it was carried out by the succession families through reports and documents. Participation to the entry of agricultural industries and especially the pig farming activity caused the region, mainly in the city and the influence he had brought. Evidencing this way the micro history trends and privileges to the youngest son, said as his successor. Our results indicated through the accounts of households that younger children tend to stay with their parents and most often receive most of the inheritance for staying there. Moreover, urban centers and industrialization led many people to leave agriculture and is also observed that the culture was changing, nowadays children do not necessarily receive inheritance to leave the house, since start working before and now They have a livelihood, or leave home to study and receive financial assistance from their parents.

Keywords: Xavantina . Colonization. Succession.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Fonte Atlas escolar Santa Catarina - Governo de Santa Catarina.....	13
Figura 2: Fonte Atlas escolar de Santa Catarina - Governo de Santa Catarina.	14
Figura 3: Fonte Atlas escolar de Santa Catarina - Governo de Santa Catarina.	15
Figura 4: Fonte Atlas escolar Santa Catarina - Governo de Santa Catarina.....	16
Figura 5: Propaganda Colonizadora Rio Branco. Fonte: Acervo Julio Cesar Zanuzzo.	27
Figura 6: Planta das terras da Colonizadora Rio Branco – área destacada em verde: Xavantina. Fonte: Acervo Julio Cesar Zanusso.	28
Figura 7: Serrote principal material utilizado pela família na vinda para Xavantina. Fonte: Acervo da Família Gujel.....	32
Figura 8: Carroça puxada por mulas, mesma utilizada na viagem feita pela família Gujel. Fonte: Acervo Maria Fatima Scariot.	33
Figura 9: Família de Paulo Gujel. Fonte: Acervo Maria Fatima Scariot.....	33
Figura 10: Casamento Nelson e Teresa. Acervo Maria Fatima Scariot.	35
Figura 11: Foto do Casamento de Maria e Acelino Scariot juntos da família Gujel. Fonte: Acervo Maria Fatima Scariot.	38
Figura 12: Foto da Família Gujel em 1965. Fonte: Acervo Maria Fatima Scariot.....	39
Figura 13: Na foto Maria, Ernesto e Ciro. Fonte: Acervo Acelino Scariot.	41
Figura 14: Casamento Maria e Acelino Scariot com família Scariot. Fonte: Acervo Acelino Scariot.....	44
Figura 15: Modelo de produção antigo. Acervo Acelino Scariot.....	46
Figura 16: Estações atuais de suínos. Acervo Acelino Scariot.....	47

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	CONTEXTO HISTORICO DE XAVANTINA E REGIÃO	12
2.1	MUNICÍPIO DE CRUZEIRO	12
2.2	MUNICÍPIO DE CONCÓRDIA	16
2.3	MUNICÍPIO DE SEARA	17
2.4	MUNICÍPIO DE XAVANTINA	18
3	HISTÓRIA DE XAVANTINA E FORMAÇÃO DAS COMUNIDADES CONTADA PELAS FAMÍLIAS DE DESCENTES DE MIGRANTES ITALIANOS	26
3.1	XAVANTINA E SUA COLONIZAÇÃO	26
3.2	XAVANTINA NA ÉPOCA DENOMINADA ANITA GARIBALDI.....	28
3.3	LINHA REDUTO.....	29
3.4	LINHA DAS PALMEIRAS	30
3.5	LINHA DIVISA DAS ÁGUAS.....	30
3.6	TRAJETÓRIA DA FAMÍLIA GUJEL.....	31
3.7	TRAJETÓRIA DA FAMÍLIA GAZOLLA	39
3.8	TRAJETÓRIA DA FAMÍLIA SCARIOT.....	41
3.9	TRAJETÓRIA DA FAMÍLIA VANIN	45
3.10	INFLUÊNCIA DA SUINOCULTURA NO ÊXODO RURAL	45
4	CONCLUSÃO.....	49
	REFERÊNCIAS	10

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho proporcionou a compreensão da colonização do desmembramento do município de Xavantina, juntamente com a micro história familiar, heranças imateriais, compras e vendas de terras a partir da década de 40 até a atualidade.

Essa colonização realizada por descendentes italianos, alemães e poloneses trouxe muitas características, inclusive do sistema cultural, abordados por lembranças dos fatos, através de acervos fotográficos e relatos de descendentes dos colonizadores. Por mais nítida que nos pareça à lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. (BOSI, 1994, p.55).

Certamente a análise de Eclea Bosi tem muito a contribuir com a problematização do meu objeto, vez que a apropriação do território passa pelas lembranças do que se viveu ou deixou de viver no lugar. Nesse sentido, é muito importante ouvir os moradores na perspectiva oferecida por Bosi, compreendendo-os como “recordadores” e não apenas “narradores”. Ademais, vale ressaltar que foi buscado conversar não apenas com os velhos, mas com os jovens para compreender o que o território significa para eles hoje.

Além disso, salientar que Giovanni Levi também contribui para análise e formulação deste trabalho já que em seu livro *A Herança Imaterial* enfatiza que Levi (1992, p. 104):

“Reconstruir uma história de família com base em documentos pouco discursivos, como compras, vendas e testamentos, exerce um fascínio semelhante ao de quebra-cabeça. As coerências e os encaixes, que aos poucos vão sendo encontrados, causam uma satisfação que talvez não seja automaticamente transmitida ao leitor.”.

A partir dessas ideias, foi juntando os documentos, ouvidos os relatos e elaborado a metodologia sendo explicitada a cada passo. No capítulo um será apresentado um contexto histórico de Xavantina e a forma como se deu a ocupação dessa região. No segundo capítulo será apresentado à história de Xavantina através de relatos das famílias Gujel, Gazolla, Scariot e Vanin.

2 CONTEXTO HISTORICO DE XAVANTINA E REGIÃO

A história da colonização do município de Xavantina está intrinsecamente relacionada à história da região oeste catarinense, mais precisamente ao meio oeste. Para entender o processo e as origens da colonização de Xavantina, é importante a observância da história dos desmembramentos de municípios que ocorreram ao longo do século XX no meio oeste catarinense.

O primeiro município a ser fundado no meio oeste foi Cruzeiro. Surgiu das primeiras incursões realizadas na região após o ano de 1910 em função da Guerra do Contestado, devida a uma contestação do Paraná e de Santa Catarina pelas terras do Oeste Catarinense. Esse conflito se estendeu de 1912 até 1916 quando houve troca de governo como afirma Bavaresco (2005, p.23):

Enquanto a luta armada dos jagunços se desenvolvia, a ideia do acordo não teve aceitação a não ser no final da Campanha do Contestado quando houve uma mudança de governo federal, assumindo a presidência da república o Dr Wenceslau Braz Pereira Gomes e o general Felipe Schimdt, Governador de Santa Catarina e governador do Paraná, Dr Carlos Cavalcante.

O então presidente convocou os governadores para discutirem as ideias do acordo, e as discussões se arrastaram até que em 20/10/1916 os governadores assinaram o acordo. Foi então que se deu a ocupação efetiva da região.

2.1 MUNICÍPIO DE CRUZEIRO

A ocupação milenar se deu pelos povos indígenas, só com a chegada dos espanhóis e portugueses que houve o extermínio dos índios, originando a população cabocla (índio x português x espanhol x africanos). A ocupação do meio oeste se deu por descendentes de imigrantes italianos, alemães e poloneses, vindos do Rio Grande do Sul. A região oeste catarinense passou a pertencer definitivamente ao estado de Santa Catarina. Após a resolução dos litígios – Guerra do Contestado - em que envolvia interesses do Paraná. A figura1 ilustra a configuração territorial do estado de Santa Catarina antes da criação dos municípios em 1917.

Figura 1.

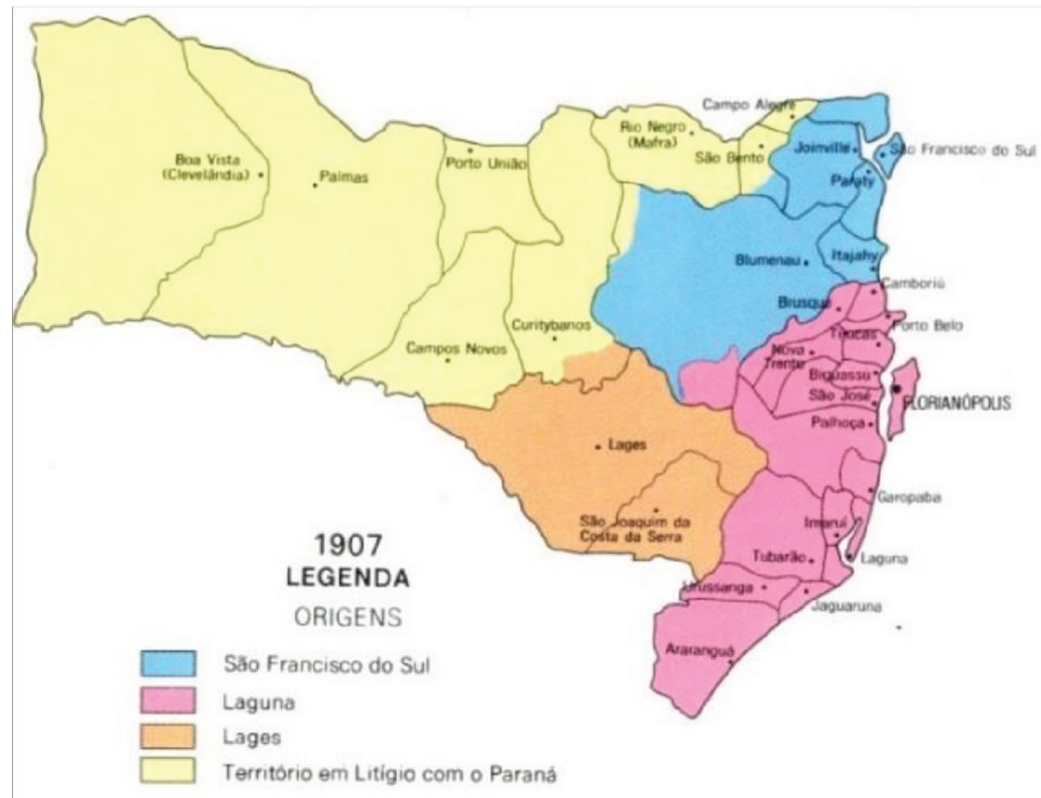


Figura 1: Fonte Atlas escolar Santa Catarina - Governo de Santa Catarina.

O contexto no qual ocorreu a criação do município de Cruzeiro é explorada por Radin (2009) onde afirma que:

A criação do município de Cruzeiro, em 1917, ocorreu num contexto de diversas modificações na região, decorrentes das disputas de divisas, internacionais e interestaduais; também da construção da estrada de ferro São Paulo –Rio Grande, do conflito do Contestado, da validação de títulos de terra expedidos pelo Paraná ou pelas concessões federais, além da intensificação da venda dos lotes rurais pelas companhias colonizadoras. (p. 96)

Assim que a questão que dizia respeito ao litígio com o Paraná foi resolvida, o governo catarinense promoveu a criação de 4 municípios: Mafra, Porto União, Cruzeiro e Chapecó, pela Lei estadual n.º 1.147, de 25 de agosto de 1917. Após uma série de mudanças da sede do município, passou a se chamar Cruzeiro do Sul pela lei estadual número 1.608 de 24 de setembro de 1928. A figura 2 mostra a configuração territorial do estado com a criação desses municípios.

Figura 3.



Figura 3: Fonte Atlas escolar de Santa Catarina - Governo de Santa Catarina.

Figura 4.

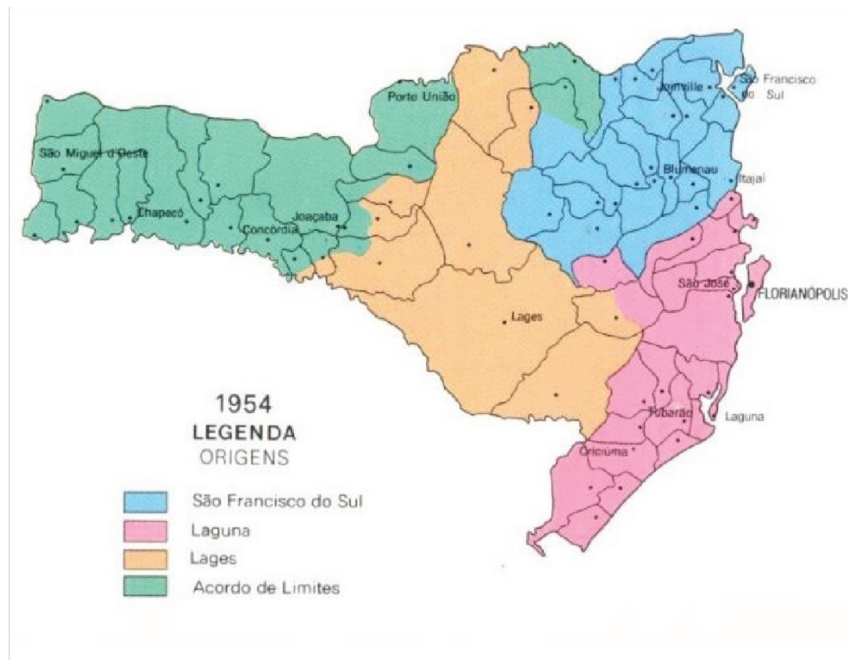


Figura 4: Fonte Atlas escolar Santa Catarina - Governo de Santa Catarina.

2.2 MUNICÍPIO DE CONCÓRDIA

Tendo à frente da criação do município uns dos primeiros moradores, Leonel Mosele, em 1934, Concórdia foi fundada como município pela lei estadual nº 635, de 1207-1934. A localidade onde Concórdia foi fundada era conhecida com o nome de Queimados. Segundo Ferreira (1992) esse nome foi dado pelo fato de alguns corpos terem sido encontrados carbonizados nessa região no período do conflito do contestado, pela Colonizadora Rio Branco.

Quando aqui cheguei, destacava-se aquela clareira aberta pelas queimadas, próxima do riacho, feitas pelos caboclos da região. Logo o lugar foi chamado de Região dos Queimados, atribuição estendida ao rio que passava pela clareira aberta na floresta densa (FERREIRA, 1992, p. 34).

Já com a ação das empresas colonizadoras, principalmente com a colonizadora Mosele, denominou a região de Colônia Concórdia, que ocupou extensas áreas ao longo do Rio do Peixe.

Já no período de 1944, Concórdia era formada por sete distritos: Concórdia, Esteves Júnior, Itá, Arabutã, Engano, Seara e Uruguai. O aumento da população e a

autonomia que os distritos foram conquistando, ocasionaram alguns desmembramentos. Dentre eles, o que se destaca para esse estudo de caso, o desmembramento do município de Seara no ano de 1953, pela lei estadual nº 133.

2.3 MUNICÍPIO DE SEARA

A colonização da região onde se formou o município de Seara se deu a partir de 1927. Os primeiros moradores tinham suas raízes na província italiana de Milano, em função disso, o nome dado a essa região foi Nova Milano. Foi com a autonomia política, no ano de 1953 que passou a ser chamada de Seara.

Segundo Paludo, um dos fundadores do frigorífico Seara, no início da criação do município o mesmo havia sido desmembrado de Concórdia em função da autonomia que havia conquistado e da dificuldade de acesso entre as comunidades com o centro urbano de Concórdia.

Na década de 50 do século XX, a comunidade local percebeu que era necessário que o município tivesse uma indústria para que o desenvolvimento econômico fosse alcançado, dessa forma, Paludo conta, em seu álbum de família, que o capital necessário para a criação do frigorífico Seara, que veio a ser o carro-chefe do desenvolvimento econômico do local, teve origem e iniciativa de investimento da própria comunidade local que formou uma sociedade.

A construção da fábrica iniciou em 1957. Inicialmente eu pretendia construir a fábrica no local onde hoje está construída a Estação Rodoviária de Seara, uma área que já era nossa. Mas seguindo orientação técnica do Dr, Roberto Nogueira da Gama, que na época era o responsável pelo departamento de Inspeção Federal, acabamos construindo no local onde hoje se encontra. Aquela área toda pertencia ao Sr. Santo Paludo que já me oferecerá posteriormente em troca de umas áreas de terra que tínhamos em Palotina, no Paraná. Desta área destinamos três alqueires para a construção do frigorífico e o restante foi loteado para urbanização permitindo a instalação dos operários perto da fábrica. O loteamento chamava-se São Braz. (PALUDO, Álbum de família p. 67).

Dessa forma teve o início do incentivo a procura pelo espaço urbano na região. O frigorífico Seara foi de suma importância para o beneficiamento da carne suína, que contribuía para o incentivo a suinocultura, atividade econômica de suma importância para a região em questão.

Dois anos após a criação do município, a lei municipal número 29, de 23-08-1955 cria os distritos de: Carafba, Nova Teutônia e Xavantina. Da mesma forma como aconteceu

em todo o oeste de Santa Catarina, os distritos cresceram tanto em número de habitantes quanto em autonomia política e econômica, o que gerou uma série de desmembramentos. Nessa perspectiva, em uma nova divisão do território, no ano de 1963, o distrito de Xavantina é elevado à categoria de município.

2.4 MUNICÍPIO DE XAVANTINA

O município que propus o estudo localiza-se no Meio Oeste de Santa Catarina. Possui hoje uma extensão territorial de 203,39 km². Limita-se ao sul com o município de Seara, ao norte com os municípios de Xanxerê e Faxinal dos Guedes, ao leste com Seara e Ipumirim e ao oeste com o município de Arvoredo.

Dentre os aspectos físicos, destaque para o relevo que é acidentado, porém densamente ocupado, segundo Dill (2008), 90% do território ocupado por pequenas propriedades que praticam atividades agrárias e de criação de animais. Os principais rios da região são o rio Ariranha e o rio Irani. A maior parte da mata nativa do município – a mata de araucária – foi devastada desde o início da ocupação desse território, através da extração parcial da madeira e o restante se perdeu por causa das queimadas para o desenvolvimento das atividades agrícolas e da pecuária.

De acordo com o censo de 2010 a população de Xavantina é do total de 4.142 habitantes, constituída basicamente por caboclos e ítalos descendentes. É um município ainda com predominância de população rural, pouco mais de 70%, mas que vem apresentando o fenômeno do êxodo rural, tanto para a área urbana do município, como para os centros urbanos dos municípios vizinhos, nos últimos anos com intensidade significativa.

Xavantina surgiu do desmembramento do município de Seara, que foi desmembrando de Concórdia e por sua vez foi desmembrando do município de Joaçaba. A sua fundação data de 13 de dezembro de 1963. Mas a sua história começa antes disso, e é de suma importância que aspectos anteriores à emancipação sejam contemplados, para uma análise eficaz da identidade do local.

A história de Xavantina começa com a chegada dos primeiros habitantes que formaram os primeiros núcleos, as primeiras comunidades e desbravaram a área que ainda era coberta pela vegetação original, a mata de araucária.

Seus habitantes são, em sua grande maioria, descendentes de imigrantes italianos provindos das Colônias Velhas. O movimento da população dos núcleos citados em direção ao Oeste catarinense e paranaense teve início a partir da segunda década do século XX. (SIMONI,2002, p.16)

As Colônias velhas, nas quais se refere Simoni, é como são chamadas as áreas onde se instalaram os primeiros imigrantes oriundos da Itália no estado do Rio Grande do Sul, na segunda metade do século XIX.

A estrutura agrária que se firmou na Serra Gaúcha por ocasião da entrada de imigrantes provindos da Itália entre 1875 e 1920 teve como característica a pequena propriedade, na qual desenvolveu-se a agricultura de subsistência. SIMONI, 2002, p.25)

Esses imigrantes chegaram ao século XX enfrentando algumas dificuldades de ordem econômica. Essas dificuldades giravam em torno das propriedades de terra. As principais atividades econômicas eram as relacionadas às atividades primárias de agricultura e pecuária. As famílias eram muito numerosas, não havia métodos anticoncepcionais, e nem se pensava em reduzir o número de filhos, pois os mesmos eram tidos como mão de obra para as atividades agrárias empregadas na região.

Os casamentos entre os imigrantes resultavam em famílias numerosas. Essas repartiam as terras assim que os filhos se casavam. Dessa maneira o tamanho das propriedades foi sendo reduzido, até que houve o esgotamento de terras no Rio Grande do Sul. Em função desse esgotamento de terras, os recém-casados precisaram procurar outras áreas com terras agricultáveis, visto que essa era a principal atividade econômica do período na região sul. Dessa maneira, as empresas colonizadoras que estavam atuando na região oeste catarinense, passaram a trazer os descendentes de imigrantes europeus para a região.

Passaram por dificuldades para chegar à região, visto que os meios de transporte do período eram precários e as estradas de difícil acesso. Vinham de carroças e chegavam a levar dias para vir do Rio Grande do Sul para o oeste catarinense. Se compararmos aos dias de hoje, uma viagem para o local das origens dos primeiros habitantes de Xavantina demoraria algo em torno de 6 horas, na época em que chegaram e formaram os primeiros núcleos, chegavam a levar até três dias, como relata Simoni, 2002.

A carroça vencia montanhas, atravessando verdes pastagens povoadas de gado. Em alguns lugares, em meio as plantações de milho e matas salpicadas de flores, pequenas casas assinalavam a existência humana. Mas na maior parte do trajeto, nenhum canto de galo... nada que anunciasse uma casa, um rancho acolhedor. (SIMONI,2002 p. 28).

Mas a área em questão tinha outros moradores antes dos primeiros núcleos se assentarem ali. Eram os Kaingang, essa população indígena foi sendo reduzida e eles foram

perdendo as áreas que utilizavam para sua subsistência. Muitos se refugiaram em terras mais distantes e outros sofreram com epidemias, ocasionando muitas perdas humanas.

Por volta da metade do século XIX, outro grupo humano chegou a região e se estabeleceu, esse grupo é chamado de caboclo, como Simoni, 2002 descreve:

Nessa época começaram a chegar outros contingentes humanos – os caboclos – que se miscigenaram com a população existente. A principal atividade econômica nesse período foi a agricultura de subsistência, o corte de erva mate e o tropeirismo.(SIMONI, 2002, p 32)

Esses moradores trabalhavam no sentido da subsistência, e não tinham documentos de posse das terras. Não tinham conhecimento da legalidade e muito menos da lei de terras que foi sancionada ainda no século XIX. Mas “infelizmente os documentos disponíveis para estudar a população na história de Xavantina são praticamente inexistentes” p. 45 se faz necessário um trabalho historiográfico para que seja possível mensurar com eficácia a participação desse grupo na formação do município.

Na região oeste catarinense, a implantação de uma política estatal de colonização marginalizou os caboclos, desapropriando-se das terras que habitavam na condição de posseiros e os destinados a terras de baixa qualidade. Desse modo as empresas colonizadoras acomodavam nas melhores terras as famílias de colonos de origem europeia, que desencadeariam o processo de desenvolvimento econômico da região, adequando-a aos padrões de progresso da época em questão. (DILL, 2008, p. 23)

Segundo Dill, a população cabocla não se adequava aos projetos do governo, seus modos de vida não eram compatíveis com o sistema capitalista, pois, eles praticavam uma agricultura de subsistência onde não tinham o objetivo de obter lucros, sem acúmulo de capital, não eram entendidos como indivíduos capazes de promover o desenvolvimento econômico da região. Radin (2001) também discorre acerca da presença dos caboclos, quando diz que:

Os caboclos e os índios que habitavam o oeste catarinense na aurora desde século, pelo isolamento em que se encontravam, não tinham condições para que seu modo de vida fosse diferente. É necessário compreender este contexto, para não se fazer um julgamento preconceituoso destas populações, pois tal maneira de ser foi construída ao longo do tempo, a partir das condições que possuíam. (RADIN, 2001, p.27).

O terceiro grupo que se estabeleceu nessa região, são os descendentes de imigrantes italianos oriundos da Colônia Velha. A forma de ocupação do território onde hoje é o município de Xavantina, esteve incluída no projeto de ocupação organizada, colonização, de todo o Oeste Catarinense, que até os primeiros anos do século XX, tinha pouca ligação com o restante do estado, e sabendo que para assegurar a posse do território, se fazia necessária a ocupação do mesmo, assim como para promover a integração com o restante do

estado, o governo catarinense promoveu a concessão das terras oestinas, a indivíduos que pudessem promover a colonização preferencialmente por contingentes de origem europeia.

A região em questão foi concedida a Fioravante Massolini, que era responsável pela colonizadora Rio Branco, Simoni destaca que “estas eram divididas em loteamentos que mediam de 250.000m², sendo que a compra e venda dos mesmos era feita através de contratos”. Os interessados na grande maioria das vezes efetuavam o pagamento pelas terras em parcelas, também era possível efetuar os pagamentos com cabeças de gado ou com parte da produção cultivada.

A colonizadora Rio Branco divulgou propagandas de suas terras, onde citava em jornais que circulavam pela serra gaúcha que as terras eram de excelente qualidade, que não haviam intrusos, estradas já construídas e que o clima era favorável a salubridade dos moradores da região. Reiterando que, a tal região livre de intrusos já havia sido ocupada pelos indígenas, que foram sendo expulsos pelos colonizadores, e também pelos caboclos que não tinham documentação legal das terras acabaram por ser expulsos.

Simoni, em seu livro, relata que os descendentes de italianos que ocuparam as terras do município de Xavantina, em seus relatos, demonstravam com palavras o preconceito em relação aos negros e caboclos que por ali passavam. Eram visto como imorais perigosos e preguiçosos, enquanto os ítalo-descendentes eram tidos como honestos e trabalhadores. Essa questão é importante para entender a construção da identidade dos moradores de Xavantina.

A situação dos ítalo-descendentes na chegada a região era pouquíssimo ou nada confortável. Chegavam ao seu lote de terras e precisavam desbravar e construir suas casas. Não havia animais para tração, nem alimento. Era preciso iniciar toda a atividade agrícola, tanto para a subsistência, quanto para a comercialização.

Muitos moradores “passaram algum tempo morando em cabanas cobertas de folhas de capim”, até que passaram a beneficiar a madeira extraída da própria região para a construção de suas casas, que eram bem rústicas, casas provisórias, até que a situação financeira da família permitisse a elaboração de algo melhor. As casas eram muito distantes umas das outras. A comunidade de Anita Garibaldi que deu início ao núcleo de Xavantina, contou quatro famílias, que tiravam da natureza o que precisavam para o seu sustento (frutas, verduras, pinhão, aves peixes e até mamíferos), até que a agricultura viesse a dar seus frutos.

Os moradores procuraram manter uma relação amistosa com seus vizinhos, longe de tudo e sem infraestrutura que propiciasse uma integração, só o que restou aos moradores da comunidade de Anita Garibaldi foi a união com os vizinhos, formando uma comunidade fortalecidas e fortes laços de amizade. Assim como, quando chegava um migrante novo, os já

moradores da comunidade estavam sempre dispostos a ajudar e a amenizar as dificuldades enfrentadas, na chegada ao seu novo local de morada.

Inúmeras foram às dificuldades enfrentadas pelos ítalo descendentes, a dificuldade de acesso às mercearias, a obtenção de fogo para preparar os alimentos, a realização da higiene pessoal (nos primeiros anos não havia banheiros, os banhos eram tomados em tanques ou no próprio rio), o frio no inverno e falta de cobertores, para muitas famílias não havia leite para as crianças, nem galinha para fornecer ovos, a falta de energia elétrica.

A luz elétrica hoje não é nenhuma novidade no município, mas durante quase 40 anos a forma de iluminação mais comum foi o lampião, mantido a querosene, ou petróleo. O aparelho consistia-se num quadrilátero com laterais de vidro, tendo em seu interior um estopim com o combustível que alimentava o ciareto – a chama. (SIMONI, 2002 p. 40).

Outra característica das famílias que formaram a comunidade de Anita Garibaldi eram as vestimentas. Elas eram iguais para todos os integrantes da família, isso por dois motivos: pela falta de recursos financeiros, as famílias eram muito grandes e isso tornava os gastos com roupas muito altos, então cada integrante da família tinha uma roupa para o domingo e outras duas para o trabalho na roça durante a semana; e pelas dificuldades de acesso as áreas que comercializavam os tecidos. As roupas eram reaproveitadas, remendadas, passando de irmão para irmão.

O meio de transporte mais utilizado até por volta de 1950 eram os cavalos, que poderiam vencer as dificuldades de acesso, cortando caminho em meio à mata. Para aquelas primeiras famílias que criaram a comunidade de Anita Garibaldi, a construção de rodovias era tida como prioridade. Se fazia necessária, dada o isolamento social que a falta dela ocasionava. Quem passa pela região nos dias de hoje, não imagina que num passado recente, essa malha viária que liga todas as cidades oestinas não existia, as estradas que surgiram no período da ocupação, provavelmente foram sendo abertas, alargando as trilhas que haviam sido abertas pelos indígenas e pelos caboclos. Essas estradas foram sendo abertas até o momento em que propiciou a passagem das carroças que carregavam os fardos dos produtos cultivados, transporte esse que era possível apenas nos dias de sol.

O solo fértil da região e propício para o cultivo de grãos, não estava disponível para o cultivo de imediato, havia muito mato, por todo o lado. Muitos migrantes precisavam de forma manual mesmo, utilizando ferramentas simples como serrote, foice, enxada, preparavam a terra, outros ainda contavam apenas com o fogo para a “limpeza” do terreno. Segundo do Simoni (2002) “o milho era o principal produto cultivado, seguido do feijão e do

trigo”, que eram plantados de acordos com as fases da lua, costume esse intrínseco até os dias de hoje no município e arredores, mesmo que para semeadura de hortaliças.

De acordo com Dill (2008) o milho passou por uma desvalorização, muito em função de seu excedente e das dificuldades de sua comercialização, esse fato.

Contribuiu para a exploração de uma outra atividade, a suinocultura, que mais tarde, viria a se tornar uma das mais importantes do Estado, possibilitando, algumas décadas depois, o surgimento das agroindústrias. A possibilidade de industrialização de carne de porco estimulou os produtores a investir no setor, aumentando significativamente a produção, fato que tornou Xavantina conhecida nacionalmente como o maior produtor per capita de Suínos do Brasil, com a média de 25 cabeças por habitante. (DILL, 2008, p. 25)

A criação de animais, principalmente a suinocultura, é um destaque na economia de Xavantina. Mas na década de 1940, o gado bovino era utilizado apenas como meio de transporte, força de trabalho e para a produção de laticínios. Já a criação de porcos foi destaque desde o início da ocupação da região que posteriormente seria chamada de Xavantina.

Os porcos eram abatidos para fazer banha e salame. Não havia energia elétrica, de modo que não existia maneira de armazenar a carne, que era dividida entre os membros da comunidade, armazenadas em latas com banha ou feito charque. Muitas vezes a carne era jogada fora. De tempo em tempo, um membro da comunidade abatia um porco e dividia a carne com seus vizinhos.

A comunidade contava com um comerciante, que se chamava Ari Possam. Com o passar do tempo e um avanço nos meios de transporte, a produção excedente passou a ser comercializada. Possam buscava em Erechim e em Seara ou Concórdia, produtos como café, sal, erva-mate, soda, etc. “Xavantina recebeu esse nome em razão desse comerciante possuir terras em Nova Xavantina, no Mato Grosso, então trocaram o nome de Anita Garibaldi por Xavantina.” (SIMONI, 2002 p.52).

Uma característica bem marcante da comunidade que fundou o município de Xavantina era que as crianças acompanhavam os pais nas atividades das lavouras. Desde bebês, as mães levavam seus filhos juntos para os serviços na lavoura, não existia separação de sexo quando o assunto era trabalho. Para os homens era uma honra ter uma mulher que os acompanhassem no trabalho. Homens e mulheres permaneciam na lavoura até anoitecer. A posse da terra estava ligada também ao trabalho e a honra.

As atividades que se desenvolveram ao longo desses anos eram exclusivamente agrárias. Outra tradição que se firmou nesse local era o cultivo do parreiral, tradição que foi

passada de pai para filho e tornou-se um hábito da população de Xavantina, principalmente no que diz respeito ao consumo do vinho.

Como já mencionado as dificuldades de acesso dos centros urbanos o qual era preciso que os moradores encontrassem alternativas para suprir suas necessidades. Isso se deu também no campo da saúde, não havia médicos na comunidade, e o acesso era muito precário, assim foram desenvolvidas uma medicina caseira e local, como afirma Simoni:

Separados dos grandes centros pelas distâncias ainda maiores devido as péssimas condições das estradas e pela carência de meios de transporte, a comunidade de Anita Garibaldi fomentou na medicina caseira a esperança para as doenças e acidentes que aconteciam durante o período em que a presença do médico ainda era um sonho. (SIMONI, 2002 p.62).

A situação não era exclusividade da comunidade de Anita Garibaldi, a escassez de hospitais era uma realidade de todo o oeste catarinense, desenvolvia-se técnicas caseiras que eram passadas de geração para geração, além das atividades de benzedadeiras, que eram realizadas geralmente por mulheres, utilizavam ervas medicinais que combinavam com rezas e simpatias. No caso de gravidez quem assumia a função desde a orientação até o nascimento eram as parteiras. As grávidas costumavam a trabalhar na lavoura até o fim da gravidez, isso porque mais um filho era visto como mais uma boca para sustentar e por isso, os pais preferiam filhos meninos, pois isso significava que teriam mais ajuda nas lavouras.

A formação da comunidade até chegar ao desmembramento do município, foi uma fase de muito trabalho, poucos eram os momentos de lazer no período da instalação da comunidade. Existiam os espaços que eram exclusivamente masculinos, onde os homens praticavam jogos de cartas e bocha. Esses locais eram chamados de bodegas. É um hábito que está inserido até os dias de hoje nas comunidades, mesmo com o futebol e a disseminação da televisão, os jogos de baralho e a bocha ainda fazem parte da cultura da comunidade xavantinense.

Além das bodegas, outra forma de lazer, que faz parte da cultura ítalo descendente eram os filós, que consistia em uma reunião de famílias, uma ou mais, a noite, era uma das formas de distração na comunidade, no período que era exclusivamente um espaço rural. Muitos casamentos no município surgiram de flertes e paqueras durante o filó.

Mais um aspecto que merece destaque nesse recorte histórico da formação do município foi o cuidado em seguir os preceitos religiosos que foram transmitidos de geração para geração. Segundo Simoni (2002), existia uma preocupação em construir a igreja o mais rápido possível, mesmo que fossem nas condições mais humildes para a época, em função das condições financeiras. Em cada local da área rural em que se instalava uma ou mais famílias,

os moradores se reuniam para construí-la a igreja. Assim foi dado o nome a muitas das comunidades, com origem no nome do santo de devoção¹. O local escolhido para a construção da capela deveria ser alto o suficiente para que pudesse ser visto de longe e para que o barulho do sino pudesse ser ouvido.

Edificada a capela, era preciso adorná-la, construir um altar, adquirir bancos, encomendar imagens. O número de famílias para cada sede foram surgindo espontaneamente entre amigos e vizinhos. Partindo do lote central, as margens do rio Ariranha, em cujo ponto atualmente se encontra a cidade de Xavantina, foram surgindo pequenos núcleos, alguns fundados por famílias de parentes. (SIMONI, 2002 p. 83).

Para que pudessem se comunicar e ter um melhor acesso entre a sede da comunidade e as propriedades, foram sendo abertos caminhos que receberam o nome de linha, que foram sendo batizadas com os nomes das famílias que ali habitavam que contribuíram para a organização do espaço, até que a comunidade de Anita Garibaldi foi emancipada:

Emancipada Anita Garibaldi em 1964, passou o nome para Xavantina e foi criada a Paróquia Nossa Senhora do Rosário, cuja sede encontra-se no centro da cidade. As capelas das comunidades ficam assim interligadas a partir de uma administração central. (p. 84).

No que diz respeito às escolas, os princípios de educação formal, contavam com salas multisseriadas, e segundo Simoni (2002):

O ensino e a instrução não acompanhava o ritmo acelerado de urbanização. O migrante em meio a mata, inteiramente entregue ao trabalho material, não encontrou estímulo cultural ... não se admitia que a escola impedisse o trabalho, sobretudo no tempo do plantio e da colheita, ou em um ensino que não fosse voltado para a vida ... era suficiente saber ler, escrever e contar. (SIMONI, 2002, p. 76)

Essa situação mudando ao passar dos anos e a mudança de cenário na região. As atividades antes, essencialmente rurais, passaram a dar lugar para algumas atividades urbanas, o acelerado processo de urbanização como mencionado, passou a exigir mudanças no que diz respeito a instrução das crianças e dos jovens

Passado algum tempo, os colonos perceberam que contra a não valorização do seu trabalho era necessário mandar os filhos, especialmente os rapazes para a escola. Para muitas famílias, preocupadas com a pouca quantidade de terra, o estudo era a chance de os filhos alcançarem a estabilidade econômica.

A cerca dessa temática, da busca por melhores condições de vida e a intenção de encontrar essa condição favorável no espaço urbano, é que será discorrido no capítulo seguinte, acerca da motivação do morador do espaço rural de Xavantina a procurar o espaço urbano, abandonando o campo.

3 HISTÓRIA DE XAVANTINA E FORMAÇÃO DAS COMUNIDADES CONTADA PELAS FAMÍLIAS DE DESCENTES DE MIGRANTES ITALIANOS

Neste capítulo serão apresentados históricos de algumas famílias que permanecem na cidade de Xavantina. As histórias das famílias permanecem vivas e tudo é passado de pai para filho. Essas famílias residem na Linha das Palmeiras e Divisa das Águas, onde foram realizadas as coletas de relatos e serão comunidades que terão subitens específicos abordados neste capítulo. Para Levi (1992, p. 104):

“Reconstruir uma história de família com base em documentos pouco discursivos, como compras, vendas e testamentos, exerce um fascínio semelhante ao de quebracabeça. As coerências e os encaixes, que aos poucos vão sendo encontrados, causam uma satisfação que talvez não seja automaticamente transmitida ao leitor.”

A partir dessa ideia inicial foram juntados os documentos e a metodologia foi sendo explicitada, conforme relatos e documentos encontrados.

3.1 XAVANTINA E SUA COLONIZAÇÃO

Compreender que a história é uma viagem, particularmente é possibilitar uma intermediação do passado com o presente, para que se possa responder aos questionamentos do presente, pois a história encontra-se perpassada por inúmeros elementos, os quais em determinados tempos ora são mais, ora menos evidenciados, para isso será apresentada um breve histórico em relação à colonização de Xavantina.

No final do século XIX, os primeiros grupos europeus são conduzidos para a região Sul do Brasil e no decorrer dos anos seguintes os estados dessa região, cada um em determinado tempo, recebe levas de imigrantes alemães, poloneses e italianos em proporcionalidades diferenciadas. “A partir de 1875, grandes levas de imigrantes italianos chegaram ao Rio Grande do Sul.” (CORTEZE, 2002, p. 38).

As famílias de imigrantes estabelecidas no Rio Grande do Sul tornaram-se numerosas, o que dificultou a permanência desses indivíduos no mesmo espaço. Como cultivavam a terra a partir de queimadas e aragem, sem reposição e cuidados com o solo, já não produziam o suficiente para alimentar e permitir a sobrevivência de todos, revivendo, principalmente os italianos, parte daquilo que a Itália havia proporcionado a eles em tempos passados. Segundo Eliade (1992, p. 23):

Instalar-se num território equivale, em última instância, a consagrá-lo: Quando a instalação já não é provisória, como nos nômades, mas permanece, como é o caso dos sedentários, implica uma decisão vital que compromete a existência de toda a comunidade. “Situá-lo” num lugar, organizá-lo, habitá-lo – são ações que pressupõem uma escolha existencial: a escolha do Universo que se está pronto a assumir ao “criá-lo”.

A dificuldade em garantir um futuro próspero, a busca por melhores condições de trabalho e, conseqüentemente, uma ascensão econômica impulsionou os migrantes italianos a deixarem as terras gaúchas. Estes, aos poucos, foram convencidos pelas companhias colonizadoras, por intermédio de diferentes propagandas, a estabelecerem-se em novas áreas. A Companhia Colonizadora Rio Branco, a principal colonizadora de Xavantina, passou a atrair os migrantes para as áreas traçadas e consideradas desocupadas através dessas propagandas.



Figura 5: Propaganda Colonizadora Rio Branco. Fonte: Acervo Julio Cesar Zanuzzo.

Ao chegarem a Xavantina, várias foram as dificuldades encontradas pelas famílias, já que as áreas não eram ocupadas, apenas Reduto onde os migrantes que ali

chegavam encontravam apenas vestígios de famílias fugitivas da Guerra do Contestado. A empresa Colonizadora Rio Branco foi responsável pela colonização da Colônia Anita Garibaldi e Colônia Rio Branco (Seara).

3.2 XAVANTINA NA ÉPOCA DENOMINADA ANITA GARIBALDI

A cidade de Xavantina foi colonizada por algumas famílias e os relatos e registros dessas primeiras famílias foram se perdendo com o tempo.

Através das atuais famílias que vivem na cidade acerca de cinquenta e cinco anos, antes mesmo dela ser emancipada, ficam os registros como em relação às terras. Que na época possuíam dimensões padrões os lotes tinham cerca de 250.000m² (duzentos e cinquenta mil metros quadrados), a exceção era de um lote que se iniciava no Rio Irani e terminava aproximadamente na Divisa das Águas (denominada desta maneira pelo fato de que a rua principal da comunidade estar na parte alta, ao sul as águas vão para o Rio Ariranha e ao Norte para o Rio Irani) era dividida estes lotes continham cerca de 242.000m² (Duzentos e quarenta e dois metros quadrados), em vista de uma medição que foi feita ao contrário.

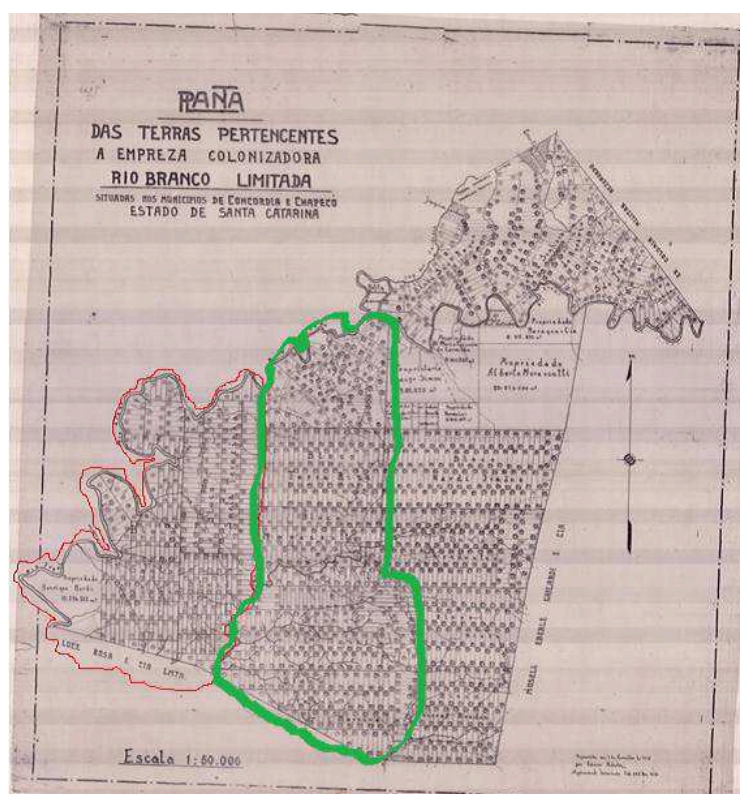


Figura 6: Planta das terras da Colonizadora Rio Branco – área destacada em verde: Xavantina.

Fonte: Acervo Julio Cesar Zanusso.

Anita Garibaldi hoje Xavantina foi colonizada por descendentes de italianos vindos do Rio Grande do Sul. Xavantina conta com doze comunidades denominadas linha, entre elas estão: Linha Reduto, Linha Guararapes, Linha Alto Irani, Linha Divisa das Águas, Linha das Palmeiras, Linha Plano Alto, Linha Quatro Irmãos, Linha São Miguel e Linha Mosconi, Linha Pinhal Preto, Linha Medianeira, Linha Passo das Antas, Linha Sete de Setembro.

3.3 LINHA REDUTO

Conforme Teresa Dill, por volta de 1941, começou a se estabelecer em Reduto os primeiros colonos vindos do Rio Grande do Sul. Neste local esses primeiros moradores sentiam muitas dificuldades, já que o lugar era deserto, de mata virgem e perigo de animais selvagens. A comunidade se denominou Reduto, pois naquele local foi destruído o último reduto de famílias fugitivas da Guerra do Contestado, consideradas como jagunças pelo poder daquela época. Os migrantes que ali chegaram encontraram apenas vestígios dessa população que, em última tentativa de sobrevivência, sendo perseguidos se refugiaram no interior catarinense. Através de relatos de Roberto Scariot que conhece a história de Xavantina, Fioravante Massolini responsável para deixar as terras limpas e pela venda das terras, precisou tirar moradores ali existentes que não possuíam a posse legal, já que ninguém queria comprar essas terras por eles habitadas, foi necessário até a vinda do exército.

A comunidade teve no principio famílias de origem polonesa e italiana, todos vindo em busca de terras melhores para trabalhar, após sentiram necessidade de ali formar uma sociedade. Através de seus membros construíram a primeira escola de madeira. Desta forma a comunidade também começou a se reunir nos domingos para rezar o terço, que no início era feito em idioma polonês. Aos poucos foram chegando varias pessoas de outras regiões e a comunidade foi se desenvolvendo e modificando.

Em 1954, foi construída a primeira capela de madeira e escolhida como padroeira Nossa Senhora de Fatima, nesta época Xavantina já pertencia a paróquia de Seara, sendo ministrada catequese e ensinadas às primeiras orações as crianças. A missa era rezada de seis em seis meses, mas em 1959 Xavantina passou a ser paróquia, então as celebrações passaram a ser mensais. Em 1979, foi iniciada construção da capela de alvenaria. As festas populares da comunidade eram as festas das padroeiras, em maio e outubro. Desta forma, o povo da

comunidade costuma se encontrar até hoje nessas festividades, assim como nos encontros para rezar o terço, suas devoções são a reza do terço no dia consagrado aos Santos e a procissão com o Santíssimo, no dia de Corpus Christi. A celebração dos cultos aos domingos, visita da capelinha as famílias, festas, promoções esportivas, cultos e missas.

3.4 LINHA DAS PALMEIRAS

A Linha das Palmeiras passou a existir quando a família Krhal passou a habitá-la e posteriormente quando a família Moretto chegou e foi residir num rancho onde moravam os nativos do lugar. A comunidade era muito solidaria e quando alguém chegava de mudança era uma festa, todos ofereciam abrigo aos pertences, que se resumia em algumas peças de roupas, comida, ferramentas e pequenos objetos.

A moradia quase sempre era um rancho. Em seguida, rachavam tábuas e faziam uma pequena casa, que mais tarde servia de paiol, e assim sucessivamente.

Aos domingos, as poucas famílias que já residiam naquela área ainda sem nome se reuniam na casa de José Krahl para rezar terço, depois jogavam baralho e tomavam cachaça até a noite. Em 1934, o primeiro padre veio de Palmas – PR, frei Aduino Schumacher, para rezar missa em Alto Irani.

Por volta de 1937, a família Krahl plantou Palmeiras na beira da estrada, nos dois lados, por uns 60 metros, em suas terras. Em 1942, os moradores colocaram o nome de Linha das Palmeiras. A primeira missa realizada em Linha das Palmeiras, na igreja local, construída pelos moradores foi oficiada pelo padre Simão Moser, de Itá, em 1943.

3.5 LINHA DIVISA DAS ÁGUAS

Segundo Teresa Dill em seu livro Histórias e Memórias de Xavantina, a igreja em Divisa das Águas era mista, rezava-se em Latim e o padre vinha à comunidade somente uma vez por mês. Em 1940 a família Tonial estabeleceu o comércio em Divisa das Águas e com a chegada de novas famílias, a comunidade tornou-se bem sucedida. Na comunidade havia um armazém (mini mercado e loja de roupas), de Severino Tonial, que também comprava trigo, milho, suíno e outros produtos agrícolas; uma fábrica de moveis, de Caetano Grosbelli e

Nadir Cardoso. Algum tempo depois uma serraria, de Hermando Brighenti, Alberto Grosbelli, Pedro Vacaro e Ângelo Girolometo; loja de tecidos de Pedro Vacaro (que montou a loja quando Severino Tonial foi embora), a ferraria de Carlo Baseggio e o moinho de José Grosbelli, com motor a gasolina. Havia também na casa de Severino Tonial, uma pensão, em que eram acolhidas as famílias que vinham de longe para morar na comunidade. Vivia-se muito bem nas pequenas e médias propriedades rurais de base familiar. Os moradores contavam que na simples comunidade vivia-se muito bem, tinha tranquilidade e apesar de não existir tecnologia, eram felizes.

Após 1960, no entanto, parte da população deste lugar começou a migrar para outros lugares. Esse êxodo rural fora motivado pela crise na agricultura e também pela divulgação de novos lugares, mais propícios à atividade agrícola, que despertou interesse e curiosidade. Segundo Teresa Dill, 2008, p. 84:

Alguns moradores identificam a redução populacional de Divisa das Águas através da falta de emprego que, segundo eles, "gerou sério desequilíbrio na comunidade, onde jovens migram em busca de uma vida talvez melhor". Conformados, os mais velhos afirmam: "hoje, nos resta a igreja, o centro comunitário, e continuamos, assim, o nosso município".

Severino Tonial ao chegar à Linha Divisa das Águas, foi responsável pela medição de quatro colônias de terras em lotes e chácaras, com intuito de urbanizar o local e transforma-la em uma cidade. O projeto não surgiu o efeito desejado, então nos anos 1950 mudou-se para Xanxerê.

3.6 TRAJETÓRIA DA FAMÍLIA GUJEL

No ano de 1946, Ferdinando Gujel e Virgínia Maria Dal Piva, se conheceram, se casando no dia 11 de janeiro de 1947, na cidade natal de Bento Gonçalves RS na comunidade de Faria Lemos hoje município. Ferdinando saiu da casa paterna com treze anos, pois a família era grande e não tinha trabalho para todos. Com suas economias conseguiu comprar uma colônia de terras do senhor Antônio Zanchetta, na Linha das Palmeiras, próxima de algumas famílias inclusive parentes, que também tinham adquirido suas terras neste local, a família de Suzana, Zanchetta e seu irmão mais velho Paulo Gujel. A família de Paulo Gujel e Augusto Suzana e Ferdinando Gujel adquiriram uma colônia de terra cada um, que era de posse de Antonio Zanquetta, por ser de uma família de poder aquisitivo melhor o mesmo conseguiu comprar dez colônias de terras da Colonizadora Rio Branco, responsável pelas

vendas de terras na região. Na época os terrenos mais acidentados geograficamente eram mais procurados pelo fato de que o trabalho era braçal, em vista de que as regiões ali eram montanhosas e os trabalhadores sofreriam menos dores na coluna, não havia máquinas.

Em arquivos manuscritos por Virginia, que estão em posse de sua filha Maria Fátima, encontram-se os relatos de que em abril de 1947, juntamente com a família de Vitor Buratti, Ferdinando seguiu com suas mudanças, ao local das terras adquiridas em SC. Utilizaram um caminhão para o trajeto e demoraram três dias para chegar no povoado, antiga Anita Garibaldi, hoje Xavantina, pernoitando neste lugar no Hotel do senhor Possan. Ao amanhecer teriam o grande desafio, seguir viagem em estradas de difícil acesso até o destino. Conseguiram uma carroça puxada por mulas para o transporte e muita coragem no trajeto vinham abrindo picadas, finalmente no entardecer chegaram ao destino onde moravam as famílias de Suzana, Zanchetta e Gujel. O serrote era o principal material utilizado pela família.



Figura 7: Serrote principal material utilizado pela família na vinda para Xavantina. Fonte: Acervo da Família Gujel.



Figura 8: Carroça puxada por mulas, mesma utilizada na viagem feita pela família Gujel.

Fonte: Acervo Maria Fatima Scariot.

Descarregaram sua humilde mudança na casa de seu irmão Paulo Gujel onde pernottaram.



Figura 9: Família de Paulo Gujel. Fonte: Acervo Maria Fatima Scariot.

Virgínia ainda não conhecia onde iria morar. No dia seguinte Ferdinando e Virgínia seguiram o desafio, conhecer a terra que possuíam. Primeiramente localizar água para poder fixar residência próxima. Depois de ter encontrado uma vertente de água perto dela

tinha uma enorme árvore de imbu com uma parte escavada parecendo uma caverna. Tiveram a ideia de se abrigar ali até conseguir derrubar o mato, fazer as costaneiras manualmente com a ajuda de machado, serrote e facão e construir sua pequena casa. No final do dia retornaram a casa de seu irmão Paulo onde falaram desta possibilidade, mas foram convidados a permanecer junto até conseguir fazer sua construção e acabaram aceitando o convite. O desafio continuava e o intuito era de conseguir o mais breve possível, seu espaço para morar. Com muita força de vontade trabalho e luta três meses depois estava com sua modesta residência toda de madeira construída por eles próprios com um detalhe o assoalho não tinha sido pregado, pois as reservas econômicas tinham se esgotado. Logo Virgínia descobriu estar grávida que nove meses depois da mudança e exatamente no dia de um ano de casados nasceu sua primeira filha que recebeu o nome de Carmelina em homenagem a vó materna.

O casal teve dez filhos, mais três abortos, sendo que uma dos dez filhos nasceu e morreu no mesmo dia pela falta de recursos. Um fato curioso e assustador para Virgínia, Ferdinando precisou ir para Joaçaba por questão de documentação de terras tendo que pernoitar. Virgínia ficou com seus três filhos pequenos, estava preparando o jantar e quando ouviu um estridente barulho na casa. Foi um grande susto, pensou logo que poderia ser um animal selvagem de grande porte. Colocou seus filhos para a cama e não conseguiu dormir a noite toda pelo medo. Ao amanhecer pode perceber o que havia acontecido, quando abriu a porta viu que uma abóbora teria se desprendido do pé e rolou batendo fortemente na casa. Foram muitas dificuldades e desafios superados pelo casal.

Entre os filhos do casal, três eram homens e sete mulheres, os costumes da época era dar uma colônia de terra para cada um, Ferdinando e Virgínia conseguiram comprar mais três colônias e meia de terra, e mais 50 mil metros próximos da igreja católica de Linha das Palmeiras que era a que predominava na época. Seu Ferdinando sempre apostando no desenvolvimento e crescimento da comunidade. A família Suzana também era numerosa, treze filhos, como não disponibilizavam trabalho para todos tiveram a ideia de montar uma serraria, mas moravam longe da comunidade e estavam querendo se mudar para outros lugares da região. Ferdinando ao saber disso conversou com os senhores Natal, Pedro e Arcângelo Suzana e vendeu alguns terrenos próximos a vila de Linha das Palmeiras. Ali montaram a serraria e assim garantiram a permanência dos filhos de Suzana na comunidade. A serraria ainda gerou o desenvolvimento da comunidade e existe até os dias atuais, permanecendo estabelecida no mesmo local.

Os filhos do casal Gujel cresceram, começaram a construir suas famílias e passaram a morar nas terras recebidas de seus pais. Os descendentes de italianos tinham como

prática de herança imaterial transferir para os filhos homens lotes de terras ferramentas, utensílios, animais e casa quando se casassem. Para o filho mais novo era concedido mais bens, por permanecer junto de seus pais, sendo uma contrapartida dos gastos para despesa de manutenção familiar.

Nelson, em 1972 casou-se com Teresa Volpato, natural de Lindoia do Sul, morando com os pais até o nascimento dos filhos Renato e Lorenice. Em 1974 iniciou-se a construção de uma modesta casa de quatro peças, um paiol e um chiqueiro, quando ficou pronta fizeram sua mudança. Além disso, recebeu de seu pai Ferdinando uma junta de bois, carroça com seus acessórios, cavalo encilhado, uma vaca de leite, porcos, galinhas. Também levou ferramentas como serrote, machado, foice, inchada, pá, cavadeira, picareta, martelo, alicate, entre outras, consideradas mais necessárias para o início de sua vida independente.



Figura 10: Casamento Nelson e Teresa. Acervo Maria Fatima Scariot.

O casal teve oito filhos, Renato mora em Xaxim e trabalha como motorista, Lorecine, Reni, Rosemeri e Roberto se casaram e saíram de Xavantina para trabalhar em empresas na região. Rosane e Roseli se casaram com agricultores e moram em municípios vizinhos, trabalhando com a suinocultura e gado de leite.

Clenir filho de Ferdinando e Virginia se casou com Judite Marostica, natural de Xavantina, permaneceram morando com os pais por um ano. Em 1976 construiu sua

propriedade com os mesmos méritos de Nelson, na colônia vizinha que o irmão morava, comunidade de Medianeira em Xavantina. Clenir teve três filhos homens e adotou uma filha mulher. Josmar mora em Porto Velho/Rondônia Junes casou e adquiriu uma propriedade, trabalha com suinocultura sistema de parceria e gado leiteiro. Jucimar permanece morando com seus pais e trabalha na mesma atividade com irmão. Fabieli se casou e mora em Xanxerê.

Nelson e Clenir com espírito empreendedor, tendo muita mão de obra dos moradores vizinhos, com o passar dos anos compraram mais terras, Nelson aumentou quatro vezes mais suas terras e Clenir também em torno de quatro colônias e meia, comprando de seus vizinhos. Mas em torno de 1995 os moradores da comunidade de Medianeira, começaram gradativamente a vender suas terras para a empresa Faqueadas de Ipumerim, por ser um local de difícil acesso, estradas precárias e em virtude dos preços baixos dos principais produtos produzidos, esta empresa fez o reflorestamento de árvores exóticas (pinos e eucalíptos). Clenir e Nelson permaneceram morando nesta comunidade até 2005, porém a situação foi se agravando através da escassez de água e estiagem, tendo que ir buscar água no Rio Irani para, suprir as necessidades dos suínos, o qual fazia divisa com suas terras e servia de consumo para os animais. A dificuldade foi se agravando ano após ano e ambos venderam suas terras para atividade do reflorestamento. Nelson fixou residência na cidade de Faxinal dos Guedes onde seus filhos trabalham em empresas da cidade atualmente. Clenir por sua vez, adquiriu uma propriedade próxima à comunidade Linha das Palmeiras e continua com a atividade da suinocultura e gado leiteiro.

O terceiro dos filhos homens, Adir foi o sucessor e o que recebeu a maior herança, ficando com a casa e permanecendo com a esposa na propriedade paterna trabalhando na atividade de gado leiteiro, além de todas as ferramentas, máquinas, carro, um terreno urbano na cidade de Xanxerê, adquirido por seu pai, mais duas colônias de terras, uma situada próxima e a outra mais distante. Seus três filhos saíram da agricultura em busca de alternativas melhores. Em virtude das dificuldades financeiras e falta de mão de obra direta na atividade, vendeu parte das terras recebidas de seu pai.

Seguindo a prática de costumes das famílias de origem italiana, Ferdinando atribuiu às filhas mulheres sua limitada herança que era o enxoval composto por roupas de cama, mesa e banho, mais a máquina de costura, já que todas as filhas deveriam saber costurar, aprendia crochê, trançar a palha de trigo para produzir chapéus, remendar roupas, praticas essas que foram se perdendo. Na época era compreendido que os esposos recebiam as terras de seus pais.

Na época os pais só aceitavam que as filhas mulheres saíssem de casa se fossem seguir a vida religiosa ou então se casassem. Desta forma Lourdes foi a primeira a sair do convívio familiar e passou a viver junto com as freiras em Seara que administravam o hospital São Roque, Lourdes começou a trabalhar na enfermagem. Em seguida a filha Nelsa também seguiu pela mesma trajetória, Lourdes permaneceu por pouco tempo e se mudou para Porto Alegre onde o estudo era mais completo. Mas nem uma das duas seguiu a vida religiosa optando por se casar e construir suas famílias na cidade de Caxias do Sul-RS, onde exerceram a profissão de enfermeira.

Carmelina filha mais velha do casal casou-se com 18 anos com Alcides Zonta, morador da mesma comunidade. Alcides recebeu de seu pai Valentin Zonta, oito hectares e meio de terras, porém muito desfavorável para agricultura. O casal teve quatro filhos, sendo três mulheres Marizete, Marli e Marlei e um homem Gilberto. Marizete e Marli casaram e trabalham no comércio. Marlei casou com um metalúrgico e tem sua própria empresa. Gilberto fez curso na área de metalurgia e abriu seu próprio negócio na área de inox. Alcides esposo de Carmelina trabalha na limpeza de terrenos e como auxiliar de pedreiro, ela trabalha como faxineira e pequenos concertos de roupas. Como a dificuldade de subsistência na época era grande, decidiram buscar alternativas e Alcides vendeu sua propriedade para seu primo Armelindo Trevisan, que morava próximo. Em 1990 se mudaram para o litoral catarinense, município de São José, onde permanecem até hoje, todos conseguiram construir suas casas sem custo com mão de obra externa.

Os demais filhos todos casados, quatro permanecem morando em Xavantina SC. Das terras adquiridas por Ferdinando e Virginia para os filhos, duas colônias se localizavam na comunidade de Medianeira Xavantina, local mais distante da sede do município.

As filhas Luiza e Justina se casaram com agricultores do município, trabalham na atividade da suinocultura e gado leiteiro e residem em Xavantina.

A filha mais jovem do casal Maria Fatima, permaneceu até os 18 anos com os pais, seu intuito era estudar fora, conseguiu isso em 1981 com grande dificuldade de aceitação por parte do pai, cursou magistério na escola pública de Xanxerê-SC. Concluída a formação, voltou para Xavantina a pedido de seu pai, assumindo o trabalho de professora na área municipal, sendo a primeira professora formada em magistério a atuar na rede municipal. Em 1988, casou com Acelino Scariot, como havia comprado um terreno urbano na Linha das Palmeiras, se mudaram para lá.



Figura 11: Foto do Casamento de Maria e Acelino Scariot juntos da família Gujel. Fonte: Acervo Maria Fatima Scariot.

O casal teve três filhos, Douglas, Mateus e Néverton. Maria atuou 18 anos no comércio, porém em virtude da facilidade de locomoção das pessoas para centros urbanos através da pavimentação da rodovia João Carlin, e o êxodo rural, deixou o comércio. Desta forma procurou se aperfeiçoar em outra área, iniciando seus estudos novamente na área de serviço social. Em 2002, sua mãe Virgínia decidiu sair da casa de Adir seu filho, indo residir com Maria e seu esposo na Linha das Palmeiras, permaneceu junto com o casal quatro anos e meio e veio a falecer.

Ferdinando faleceu aos 70 anos e Virgínia aos 83, Lourdes uma das filhas também morreu jovem com 46 anos. Abaixo é apresentada a foto da família Gujel:



Figura 12: Foto da Família Gujel em 1965. Fonte: Acervo Maria Fatima Scariot.

Atualmente a família de Ferdinando e Virgínia é constituída por 10 filhos, 34 netos, 38 bisnetos e 3 tataranetos.

3.7 TRAJETÓRIA DA FAMÍLIA GAZOLLA

Através de relatos de Dozolina Julia Gazzolla Scariot, seu pai Frederico Gazzolla, italiano, aos onze anos de idade veio para o Brasil com seus pais e alguns irmãos. Estabeleceu-se na cidade de Guaporé-RS, atual Vila Maria. A viagem da Itália ao Brasil durou três meses e aconteceu num barco a vapor, durante o longo trajeto crianças morreram e foram jogadas ao mar. Ele trabalhou por um bom tempo na construção de estradas em Guaporé, tudo manualmente. Casou-se com a Maria Brunhera bem mais jovem que ele.

Eles tiveram dezessete filhos sendo que quatro morreram recém-nascidos, dos treze filhos, seis eram homens e sete mulheres. Somente a filha mais velha saiu para estudar num convento, os demais ficaram na agricultura, Dozolina Julia Gazzolla a mais jovem das mulheres, ficou trabalhando na agricultura.

Com o passar do tempo às terras que Frederico possuía já não eram suficientes. Influenciado pela propaganda do senhor Fioravante Massolini que era da mesma região e

tinha parte da Colonizadora Rio Branco em Concórdia, Frederico Gazzolla visitou vários lugares na região e acabou comprando terras ali, sendo seis colônias de terra, dessas seis, cinco eram do mesmo quadro e a outra se localizava mais próximo da comunidade de Divisa das Águas. Essas terras eram para os seis filhos homens, cultura da época em que os pais cediam. Por volta de 1950, Alberto que era solteiro, Erminio e Fiorindo recém casados vieram de Vila Maria para morar nessas terras, em 1954 veio Santana casada com Angelo Vanin e em 1962 Dozolina casada com Roberto Scariot.

Ao chegar Erminio comprou alguns lotes de terras que era de posse de Severino Tonial, o qual havia medido quatro colônias em lotes e chácaras, com intenção de urbanizar e transformar aquele local em uma cidade. Erminio se instalou nesse local e montou uma selaria, indústria de acessórios de couro para montaria, permanecendo por aproximadamente oito anos na atividade. Como seus projetos não deram certo acabou vendendo seus lotes de terras da colônia que recebeu de seu pai Frederico, sendo que meia colônia vendeu para Alberto Peretti e a outra para Inacio Aniecevski, indo morar em São José das Tábuas, município de Faxinal dos Guedes onde comprou um bar e algumas terras atuando no comércio e na agricultura.

Alberto Gazzolla solteiro vendeu meia colônia das que receberá de seu pai para Augusto Benetti, comprando alguns terrenos na comunidade de Divisa das Águas, fixando moradia ali. Porém trabalhava na agricultura, em sua meia colônia, ali não havia vertente de água, impossibilitando fixar residência no local.

Fiorindo Gazzolla se instalou na colônia mais próxima da comunidade de Divisa das Águas e adquiriu varias chácaras de Severino Tonial que faziam divisa com suas terras tiveram seis filhos, sendo três homens e três mulheres. Marines e Maristela casaram com agricultores de Xavantina e moram no município, Maristela tem uma filha que permanece com o casal e Marines teve dois filhos homens, que também permanecem juntos com o casal e estudam na cidade de Xavantina. Marinete casou e fixou residência na cidade de Xanxerê, cursou enfermagem mais não atua na área, tem um filho de aproximadamente um ano. José casou e ganhou aproximadamente dois alqueires de terra partes das chácaras onde fixou sua propriedade, também adquiriu meia colônia de terras que era de Carlos Bassegio, têm dois filhos, o filho permanece com a família e a filha casou se mudando de cidade e trabalha no comercio, José reside até hoje em Xavantina permanece na atividade suína e de gado leiteiro.

Moacir casou e recebeu de seu pai parte do lote, comprando ainda mais meia colônia de terra do senhor Angelo Benk, construiu sua propriedade próximo a do seu pai, atua com gado leiteiro, suínos e aviários. Tem dois filhos que atuam juntos na atividade.

Ari permaneceu com os pais, exercendo atividade na suinocultura e no gado leiteiro até 2007, casou e teve dois filhos, ele e sua esposa cuidaram de seus pais, após os mesmos falecerem vendeu a propriedade para seu irmão Moacir mudando-se para Xanxerê onde trabalha na construção civil.

3.8 TRAJETÓRIA DA FAMÍLIA SCARIOT

Conforme relatos feitos por Roberto e Dozolina Scariot. Ciro Scariot descendente de italianos, então pai de Roberto, nasceu em novembro de 1898 na cidade de Flores da Cunha, em Caxias do Sul – RS, onde viveu até completar seus seis anos de idade. Após mudou-se para Vila Maria – Guaporé RS, onde residiu, na Linha Dezenove, comunidade São João, até o final de seus dias (02-03-1955).



Figura 13: Na foto Maria, Ernesto e Ciro. Fonte: Acervo Acelino Scariot.

Ciro casou duas vezes, o primeiro casamento foi com Ângela Durante e teve um filho, Ernesto Scariot. Em seu segundo casamento com Maria Buffon tiveram quinze filhos, dos quais quatro faleceram ainda na infância. Restaram Madalena, Dozolina, Dorino, Roberto, Belarmino, Belino, Terezinha, Odila, Vitório, Ângelo e Danilo.

Roberto nascido em 05-07-1935 viveu sua infância em situação de pobreza junto aos demais irmãos e aos pais. Perdeu seu pai muito cedo, aos vinte anos e a mãe logo depois aos vinte e dois anos. Sendo que um dos irmãos mais velhos teve que ajudar a cuidar dos outros irmãos, foram tempos bem difíceis e as condições de vida eram precárias.

Roberto casou-se em 6 de setembro de 1961 com Dozolina Julia Gazolla. Residiram nove meses em Vila Maria, na residência da família Scariot, como Dozolina possuía meia colônia de terra que havia comprado de seu irmão Ernesto Gazolla, em 13 de junho de 1962, mudaram-se para comunidade Divisa das Águas, a viagem foi feita de caminhão e durou vinte e quatro horas, conforme relato de Roberto e Dozolina na época havia 95% de mata fechada. O desafio era então construir uma casa para morar, enquanto isso, permaneceram no porão da casa de Fiorindo Gazolla, por aproximadamente três meses, a casa foi concluída em agosto de 1962. Enquanto isso iniciava-se o trabalho de derrubada da mata para cultivo agrícola, que já no primeiro ano resultou em uma bela safra de milho e assim sucessivamente. Foram construídos também um paiol e um pequeno chiqueiro, pois gostavam de criar porcos e sabiam da existência dos frigoríficos na região que poderia ser um bom investimento. Como Roberto tinha dificuldade de trabalhar, em virtude do reumatismo crônico, dedicou-se mais na criação de suínos, nessa época já havia um melhoramento na genética de produção. Roberto adquiriu meia colônia de sua cunhada Catarina que fazia parte da mesma colônia que era de Dozolina e mais quatro alqueires que era de herdeiros de Erminio Gazolla e Alberto Gazolla.

Roberto conta que em certa ocasião do rigoroso inverno de 1963 passou o dia todo cortando mato a machado para fazer lavoura. Era julho e naquela tarde a noite aproximava-se. Ele já estava cansado, porém precisava cortar mais algumas árvores. Iluminado pela lua e alimentado pelo espírito desbravador iniciou a derrubada de mais árvores. Iniciado trabalho, estancou e refletiu por algum tempo e na solidão escura e fria da noite resolveu terminar a derrubada daquela árvore, comentando para si mesmo: “Peta che imbarigo nantra”. E logo depois: “Há... lá vá zo anca questa de uma olta!” E assim fez com mais algumas árvores. Era em torno de oito horas da noite, o jantar estaria pronto, foi então que resolveu voltar para sua casa. Ao guardar o machado percebeu que sua mão direita permanecia presa ao cabo. A mão

estava encarangada de frio. Então, com a mão esquerda, separou o machado da outra mão puxando os dedos um a um. A derrubada continuaria no dia seguinte, naquela mesma noite ainda nevou.

A família de Roberto e Dozolina é formada por nove filhos, sendo sete homens e duas mulheres, Helena, Álvaro, Acelino, Clóvis, Laercio, Geraldo, Rosane, Evandro e Adriano. Os quatro filhos mais velhos não saíram para estudar, completando apenas o 4º ano, Laercio e Geraldo saiam da casa dos pais, indo até a comunidade Divisa das Águas para pegar transporte e ir ao colégio na Linha das Palmeiras, uma distância de 14 quilômetros da casa onde moravam para completar o ensino fundamental. Os demais completaram o ensino médio com exceção de Rosane, fizeram estudo na Escola Agro técnica Federal de Concórdia que preparava os alunos para serem técnicos agrícolas.

No ano de 1977 iniciou o sistema de integração na Seara Alimentos onde um técnico da empresa visitava as propriedades fazendo levantamento bimestralmente. Onde ele anotava numa ficha a quantidade de nascimento de leitões para fazer a programação de quanta ração era necessária para os suínos. Isso proporcionava obter informações de quantos suínos a empresa teria para o abate. Com o passar do tempo a propriedade foi se modernizando, em vista de que a empresa Seara Alimentos oferecia aos proprietários melhoramento genético e incentivo para o aumento de produção. Com isso adquiriam um controle cada vez mais rigoroso sobre seus integrados, Roberto permaneceu vinte e sete anos na integração com o frigorífico Seara e mais quatro anos no sistema cooperativo, que surgiu posteriormente aos frigoríficos: Seara, Sadia e Chapecó.

No ano de 1985 Roberto adquiriu meia colônia de terra de seu cunhado Alberto Gazolla para ser dividido entre os filhos, Álvaro e Acelino. Somente três dos filhos cursaram universidade, sendo que estudaram na Universidade Federal de Santa Maria, Evandro e Adriano cursaram agronomia e Geraldo cursou medicina veterinária. Acelino no ano de 1990 saiu da atividade da agricultura para trabalhar no comércio na Linha das Palmeiras em Xavantina com sua esposa, cursando ensino fundamental e médio no ensino de jovens e adultos em Xanxerê.



Figura 14: Casamento Maria e Acelino Scariot com família Scariot. Fonte: Acervo Acelino Scariot.

Álvaro construiu a sua propriedade na terra dos pais e permanece com sua esposa na atividade suína e leiteira até hoje, os filhos do casal deixaram a propriedade para estudar. Laércio que é técnico agrícola trabalhou durante três anos como técnico para a empresa Seara Alimentos, voltou para exercer a atividade na criação de suínos numa propriedade adquirida também por Roberto, na mesma comunidade, cerca de 4 quilômetros da propriedade de Roberto Scariot, sendo que Laercio trabalha atualmente somente na atividade leiteira com sua esposa, tiveram três filhos e os mesmos saíram da propriedade para estudar. Adriano casado mora em Chapecó-SC e atua como engenheiro agrônomo da Epagri, tem três filhos. Rosane casou-se com agricultor no município de Itá-SC e atua na área de gado leiteiro, tem dois filhos um menino e uma menina. Evandro casou-se, atualmente mora em Soledade – RS atua como Engenheiro Agrônomo na Emater, tem três meninas e um menino todos pequenos. Geraldo que permanece solteiro formou-se em medicina veterinária e mora em Xanxerê, atua na Cidasc. Clóvis é solteiro e trabalha na agricultura e na suinocultura.

Permanecem na propriedade Roberto, Dozolina, Clóvis, Helena seu marido Claudiomiro e o filho Fabricio. Clóvis atua na atividade da agricultura e suinocultura como produtor independente. Helena o marido e o filho Fabrício atuam na atividade leiteira e agricultura.

3.9 TRAJETÓRIA DA FAMÍLIA VANIN

Através de relatos de Dozolina Julia Gazolla Scariot, Angelo Vanin casado com Santina Gazolla, recém-casados compraram uma colônia de terra que era de Carlos Gazolla, irmão de Santina. A família do senhor Angelo Vanin por volta de 1954 foi morar em Xavantina, sendo formada por oito filhos, uma falecida ainda criança, sendo cinco mulheres e três homens. Maria e Ida se casaram com agricultores do município de Ipumirim e continuam na atividade agrícola nesta cidade até o presente momento. Anita e Odila casaram com funcionários públicos, não exercem a atividade voltada à agricultura, uma mora em Xavantina e outra mora em Xanxerê. Já os rapazes, Danilo recém-casado saiu para trabalhar em uma granja de suínos em Ipumirim e permanece até os dias atuais. Egídio, o filho mais velho ficou com 30% da propriedade e atua na atividade da suinocultura e gado leiteiro. A família Vanin sempre trabalhou com suínos, em 1975 iniciou a integração com a empresa Sadia acompanhando a evolução da atividade. Até a chegada do sistema de integração, os suínos não tinham qualidade genética e a produtividade era baixa. Não havia suplemento alimentar que proporcionasse um bom rendimento, era utilizado somente milho, mandioca, abobora e sal, o sistema foi melhorando gradativamente com o passar dos anos. Em função da forte crise na atividade da suinocultura em 2011 deixaram de exercer a atividade permanecendo somente com gado leiteiro.

Luis Vanin o filho mais novo, que permanece na propriedade junto com seus pais, casou teve duas filhas mulheres e um homem, umas das mulheres casou e permanece em Xavantina na mesma comunidade na atividade da agricultura, os outros filhos saíram da casa dos pais para estudar. Angelo Vanin atualmente com 86 anos, mora na sua propriedade com seu filho Luis Vanin e sua esposa Santina faleceu no ano de 1990.

3.10 INFLUÊNCIA DA SUINOCULTURA NO ÊXODO RURAL

Através dos relatos e do conhecimento por ter atuado nas décadas de 70 e 80, a produção da lavoura para ter aproveitamento de mão de obra, trabalhando em parceria na compra de insumos e colheita, as famílias Scariot e Vanin, não quiseram se submeter às regras dos frigoríficos, seus suínos são vendidos para abatedouros de menor porte. Luis Vanin, por exemplo, não tem mais suinocultura como sua atividade principal. No caso de seu Nestor, sua

família só permaneceu nas propriedades porque atenderam as exigências da empresa que possuem vínculo na venda e produção dos suínos.

Os agricultores possuem modelos que podem se submeter na produção de suínos, conforme a Embrapa, depende muito do grau de independência em relação à agroindústria, o produtor de ciclo completo pode se estruturar para a produção de suínos de duas formas:

Produtos Independente: É o produtor que executa todas as fases, ou seja, cria o leitão do nascimento até o abate, não tendo nenhuma espécie de vínculo com agroindústrias. Compra animais reprodutores e insumos (alimentos e produtos veterinários) no mercado sem fornecedor fixo. O valor recebido pelo animal pronto para o abate, dependendo da quantidade de carne na carcaça é acrescido de uma bonificação (cerca de 6 a 12%) sobre o valor pago por quilo de suíno vivo. Em épocas de excesso de oferta de suínos para o abate, este tipo de produtor encontra certas dificuldades em colocar seus animais no mercado e é forçado a reter os suínos por mais tempo na propriedade até conseguir comprador.

Produtor Integrado: No sistema de integração o produtor recebe da agroindústria, os insumos (alimentos e medicamentos) e a orientação técnica. O acerto de contas com a integradora é feito no momento da entrega dos animais no frigorífico. A grande vantagem deste sistema para o produtor é a garantia de mercado para seus animais, embora possam ocorrer casos de retenção dos suínos nas granjas por um período maior de tempo, em épocas em que o mercado está super ofertado. Nestes casos, também o produtor integrado acaba tendo problemas, pois nas crises sempre é vantagem entregar os animais para o abate com o menor peso possível. Abaixo é possível comparar, a forma de criação antiga e a atual, através de fotos retiradas pelo autor e arquivos pessoais da família Scariot.



Figura 15: Modelo de produção antigo. Acervo Acelino Scariot.



Figura 16: Estações atuais de suínos. Acervo Acelino Scariot.

Observa-se que a análise feita pelo Embrapa, mantém até os dias atuais, pois segundo a mesma, na cadeia do suíno, o produtor historicamente é o elo mais fraco, é o mais desorganizado, o mais descapitalizado e com menor grau de profissionalização. O grande número de pequenas unidades produtoras de suínos, bem como sua dispersão geográfica, dificulta a organização dos produtores, enfraquecendo o poder de negociação no processo de determinação dos preços. Claro que se comparado, percebe-se que a mudança foi grande e positiva.

Porém os agricultores sofrem muito ainda, com o estabelecimento de uma política de abastecimento de insumos, principalmente de milho, uma melhora na organização da produção, evitando excesso de oferta, e o crescimento do mercado interno e externo para a carne suína, sendo que isso poderá muitas vezes garantir melhor remuneração para o suíno, tornando a atividade menos vulnerável do ponto de vista econômico. Entretanto, para ser produtor deve analisar também as outras variáveis que compõem o seu custo de produção, buscando sempre aperfeiçoar e otimizar o uso dos seus fatores de produção.

Por estes motivos e a segundo os relatos das famílias de Xavantina que trabalham com este tipo de produção, é possível identificar que a suinocultura e até mesmo a agricultura familiar fizeram com que os mais novos deixassem a zona rural para trabalhar nos meios urbanos, permanecendo um ou dois filhos na propriedade para seguir com as atividades. Não podemos afirmar que o êxodo rural aconteceu quando as agroindustriais se instalavam na

região, porém após 1960, parte da população deste lugar começou a migrar para outros lugares. E o êxodo rural fora motivado pela crise na agricultura, falta de políticas governamentais para incentivar a permanência do homem no campo, a modernização na agricultura com a entrada de máquinas substituindo a mão de obra braçal e também pela divulgação de novos lugares, mais propícios a atividades agrícolas, que despertou interesse e curiosidade. A falta de incentivos geraram sérios desequilíbrios nas comunidades, onde jovens migraram em busca de uma vida talvez melhor, deixando a agricultura familiar e saindo desse meio para cidades de regiões mais próximas a procura de aperfeiçoamento ou empregos melhores. Vale salientar que alguns voltam para Xavantina, mas com a intenção de trabalhar nas agroindústrias da região.

É possível observar ainda que na entrada dos modelos de produção americanos e das agroindústrias o fluxo de procura das pessoas por centros urbanos aumentou, deixando a agricultura e a vida rural de lado. Ainda pode ser afirmado que na época do êxodo rural, esse processo acontecia em várias regiões do Brasil, não era um fato isolado. Xavantina, porém após mudar seus métodos de produção fez com que vários agricultores optassem por trabalhar para as agroindústrias.

4 CONCLUSÃO

Através do trabalho foi possível concluir que o objetivo do estudo foi alcançado, sendo que por meio das entrevistas cedidas e até mesmo o convívio do autor em Xavantina, percebe-se que a prática de compras e vendas de terras e as sucessões de transmissões do patrimônio familiar aconteciam claramente nos períodos estudados. Assim com o olhar da história foi possível perceber tendências e privilégios ao filho mais novo, dito como sucessor.

Fica evidente que os descendentes de italianos tinham como prática de herança imaterial transferir para os filhos homens lotes de terras, casa, ferramentas, utensílios e animais quando se casassem, para iniciar sua nova propriedade. Para o filho mais novo era concedido mais bens, por permanecer junto de seus pais, sendo uma contrapartida dos gastos para despesa de manutenção familiar. As filhas mulheres eram concedidas o enxoval e práticas repassadas de mães para filhas, já que era compreendido que nesta época os esposos recebiam as terras de seus pais. Além disso, os pais só aceitavam que as filhas mulheres saíssem de casa se fossem seguir a vida religiosa ou então se casassem.

Esse trabalho trouxe ao autor lembranças da vida dos familiares e moradores de Xavantina, sendo possível observar que na família Gazzola, Vanin e Gujel os filhos mais novos ainda permanecem na propriedade, trabalhando em atividades relacionadas à suinocultura, bovinocultura e agricultura. Já na família Scariot permanece um dos filhos e a filha mais velha trabalhando na propriedade. De modo geral os centros urbanos e a industrialização motivaram muitas pessoas a deixar a agricultura e além de tudo observa-se que a cultura foi se transformando, hoje em dia os filhos não recebem necessariamente herança ao sair de casa, já que começam a trabalhar antes e já tem possuem um meio de subsistência, ou saem de casa para estudar e recebem auxílio financeiro dos pais.

Além disso, verifica-se a importância da história e dos registros para a formação de uma sociedade, conforme Barros, 2013 p. 11:

A Teoria da História constitui um campo de estudos fundamental para a formação do historiador. Não é possível desenvolver uma adequada consciência historiográfica, nos atuais quadros de expectativas relacionadas ao nosso ofício, sem saber se utilizar de conceitos e hipóteses, sem compreender as relações da História com o Tempo, com a Memória ou com o Espaço, ou sem conhecer as grandes correntes e paradigmas teóricos disponibilizados aos historiadores da própria história da historiografia.

Os grandes movimentos populacionais trazem no seu bojo o reflexo de um modelo econômico. Compreender como esse modelo transforma a vida das pessoas nos diferentes aspectos (social, cultural, ...) são essenciais para as comunidades se olharem de

forma diferente. Portanto torna-se essencial o conhecimento da história para elaboração deste trabalho e formação de acervos ligados a Xavantina e as lembranças trazidas pelo trabalho ao autor e sua família.

REFERÊNCIAS

ALVES, E. et. al. Êxodo e sua contribuição à urbanização de 1950 a 2010. Revista de Política Agrícola (Embrapa). Ano XX – nº 2 – Abr./Maio/Jun. 2011.

Atlas escolar de Santa Catarina – Governo de Santa Catarina – Materiais didáticos. Florianópolis, 2001.

BARROS, José D'Assunção. Teoria da História Vol. I. Princípios e conceitos. 2013, p. 11.

BAVARESCO, Paulo Ricardo. Ciclos econômicos regionais: modernização e empobrecimento no Extremo Oeste Catarinense. Editora Argos. 2005.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: 1994.

CORTEZE, Dilce Piccin. Ulisses va in America: história, historiografia e mitos da imigração italiana no Rio Grande do Sul (1875-1914). Passo Fundo, RS: UPF, 2002.

DILL, Teresa Machado da Silva (Org.) Histórias e Memórias de Xavantina –SC Unoesc – Campus Xanxerê. Xanxerê: 2008

ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano: a essência das religiões. São Paulo, SP: M. Fontes, 1992.

FERREIRA, Antenor Geraldo Zanetti, Concórdia: O rastro de sua história. UFSC. Florianópolis, 1992.

IGNEZ, Maria. PAULINO, Silveira. Agricultura e espaço rural em Santa Catarina – Editora UFSC – Florianópolis, 2003.

LEVI, Giovanni. A Herança Imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

RADIN, José Carlos. Representações da colonização – Editora Argos – Chapecó, 2009.

RADIN, José Carlos. Italianos e Ítalo-brasileiros na colonização do oeste de Santa Catarina. Edições Unoesc – Joaçaba, 2001.

Revista Suinocultura Industrial - no. 03`2003 - Ed. 159 - ano 24

SIMONI, Karine. Sonhar, Viver e Recordar – Memórias dos nonos de Xavantina (1920 – 1950). Editora Insular. Florianópolis, 2002.

<http://www.sebrae-sc.com.br/scemnumero/arquivo/Xavantina.pdf>. Acesso em 28-03-2016.

<http://www.sebrae-sc.com.br/scemnumero/arquivo/Xavantina.pdf>. Acesso em 28/03/2016.

<http://www.abcs.org.br/suinocultura-em-foco>. Acesso em 10/04/2016.

<http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2012/04/numero-de-imigrantes-em-santa-catarina-triplicou-em-10-anos-revela-censo-3741704.html>. Acesso em 10/04/2016.

<https://interesse municipal.wordpress.com/2013/02/03/xavantina-sc-municipio-recebe-o-segundo-onibus-escolar-rural-do-governo-federal/ASCOM>. Acesso em 10/04/2016.

<https://www.embrapa.br/>

<https://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Suinos/SPSuinos/mercado.html>
Acesso 30/05/2016.

http://eventos.livera.com.br/trabalho/98-1020712_30_06_2015_12-14-06_2240.PDF